



A contribuição do Design na construção de discursos antifeministas em perfis no Instagram

The contribution of Design in the construction of anti-feminist discourses on Instagram profiles

La contribución del Diseño en la construcción de discursos antifeministas en los perfiles de Instagram

Paloma de Souza Martins

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil

palomasouzamartins@gmail.com

Telma Valente

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil

telma.valente@ufes.br

Resumo

Este estudo investiga o discurso de ódio contra mulheres feministas nas redes sociais, com foco no *Instagram* ao analisar duas postagens de dois perfis antifeministas, sendo eles: Ana Caroline Campagnolo e Sara Winter. Utilizando a semiótica de Peirce, a pesquisa demonstra que as escolhas estéticas e gráfico-visuais, mesmo que não intencionais, configuram-se como formas significativas de propagação ideológica. Refutando a hipótese de um design neutro, o estudo mostra que a eficácia na utilização de elementos visuais contribui significativamente para o êxito ou falha na disseminação dessas ideologias. A metodologia é composta por pesquisa bibliográfica e técnica netnográfica aplicadas aos estudos de casos. Os perfis selecionados atenderam aos critérios de relevância, engajamento e frequência de postagens. Destaca-se a dinâmica do *Instagram*, que permite constante atualização e interação dos perfis analisados, evidenciando a complexidade e a efetividade do discurso de ódio no ambiente virtual.

Palavras-chave: Design, Feminismo, Antifeminismo, Instagram, Discurso.

Abstract

This study investigates hate speech against feminist women on social media, focusing on Instagram by analyzing two posts from two anti-feminist profiles, namely: Ana Caroline Campagnolo and Sara Winter. Using Peirce's semiotics, the research demonstrates that aesthetic and graphic-visual choices, even if unintentional, constitute significant forms of ideological propagation. Refuting the hypothesis of a neutral design, the study shows that the effectiveness in the use of visual elements contributes significantly to the success or failure in the dissemination of these ideologies. The methodology is composed of bibliographical research and netnographic techniques applied to case studies. The selected profiles met the criteria of relevance, engagement and frequency of posts. The dynamics of Instagram stand out, which allows constant updating and interaction of the analyzed profiles, highlighting the complexity and effectiveness of hate speech in the virtual environment.

Keywords: Design, Feminism, Antifeminism, Instagram, Discourse.

Resumen

Este estudio investiga el discurso de odio contra las mujeres feministas en las redes sociales, centrándose en Instagram, analizando dos publicaciones de dos perfiles antifeministas, a saber: Ana Caroline Campagnolo y Sara Winter. Utilizando la semiótica de Peirce, la investigación demuestra que las elecciones estéticas y gráfico-visuales, incluso si no son intencionadas, constituyen formas significativas de propagación ideológica. Refutando la hipótesis de un diseño neutral, el estudio muestra que la efectividad en el uso de elementos visuales contribuye significativamente al éxito o fracaso en

Artigo recebido em: 17/06/2024 | Aprovado em: 16/10/2024 | Publicado em: 20/10/2024

Como citar:

MARTINS, Paloma de Souza. VALENTE, Telma. A contribuição do Design na construção de discursos antifeministas em perfis no Instagram. **Tríades em Revista: Transversalidades, Design e Linguagens**, Juiz de Fora: UFJF, v. 14, p. 1-14, e44793, 2024. e-ISSN 1984-0071. DOI: <https://doi.org/10.34019/1984-0071.2024.v13.44793>.





la difusión de estas ideologías. La metodología se compone de investigación bibliográfica y técnicas netnográficas aplicadas a estudios de caso. Los perfiles seleccionados cumplieron con los criterios de relevancia, engagement y frecuencia de publicaciones. Destaca la dinámica de Instagram, que permite la constante actualización e interacción de los perfiles analizados, resaltando la complejidad y efectividad del discurso de odio en el entorno virtual.

Palabras clave: Diseño, Feminismo, Antifeminismo, Instagram, Discurso.

1 Introdução

O discurso de ódio presente nas redes sociais vem ganhando projeção em discussões na sociedade e no campo acadêmico, desafiando esforços de conceituação e de enfrentamento. Realizado durante o governo de Jair Messias Bolsonaro, o estudo examina, especificamente, o discurso de ódio voltado às mulheres feministas que, em meio a um cenário adverso de resgate de valores tradicionais conservadores e misóginos, hostilizam e desqualificam a todo o momento os ideais feministas e suas integrantes. O *Instagram* torna-se um canal apropriado para personalidades e grupos antifeministas ganharem visibilidade ao disseminar sua ideologia.

A hipótese levantada dirige-se ao equívoco quanto à existência de um design neutro já que, mesmo de forma não premeditada, as escolhas estéticas podem configurar-se como modos de produção de significação e de sentido. Com isso, a utilização eficiente de elementos gráfico-visuais nesse meio será um fator, em grande medida, responsável pelo êxito ou fracasso dos seus usuários.

Para a realização desta pesquisa seguimos algumas técnicas, tais como a pesquisa bibliográfica – a respeito da história do movimento feminista e suas ondas – e em paralelo à reação antifeminista e suas estratégias de retórica; pesquisa netnográfica¹, com material de redes sociais e a semiótica de Peirce, como referencial teórico para a leitura das imagens. A escolha dos dois perfis atendeu ao critério de relevância, que considerou o maior número de seguidores, engajamento e frequência de postagens no *Instagram*, e suas particularidades agregadoras dentro do movimento antifeminista nacional.

Deste modo, o objetivo da presente investigação é analisar as narrativas gráfico-visuais de dois perfis no Instagram, sendo eles de Sara Winter e Ana Campagnolo, a partir da seleção de quatro postagens ao todo, e aprofundar a compreensão do discurso antifeminista nas redes sociais, especialmente no *Instagram*, destacando o papel do design na sua construção.

2 O feminismo e a retórica antifeminista ao longo da história

2.1 Breve história do movimento feminista

O conceito de "ondas" do feminismo é frequentemente usado para destacar certos momentos e pautas históricas específicas do movimento feminista, sendo esses momentos considerados os "pontos altos" de cada onda (Zirbel, 2021, p. 10). Diferentemente das ondas marítimas, que desaparecem, as ondas feministas



surgem de maneira orgânica e contínua, alimentadas por ações de inúmeras mulheres de diferentes origens (Zirbel, 2021, p. 11).

Apesar da utilidade didática da metáfora das ondas, que resume as principais conquistas e reivindicações femininas ao longo do tempo, essa abordagem tende a privilegiar ações de feministas brancas, de classe média, europeias e americanas, cujas narrativas dominam a historiografia e a cultura midiática global. Isso oculta a atuação crucial de mulheres da classe trabalhadora e negras, sem as quais essas mudanças não teriam ocorrido (Zirbel, 2021). Ainda assim, a metáfora permite refletir sobre a persistência do movimento feminista, que continua a se organizar e avançar mesmo nos períodos de menor visibilidade pública.

O pré-feminismo remonta à Antiguidade, com iniciativas isoladas de mulheres que desafiaram a ordem social estabelecida. A obra *O livro da cidade das mulheres*, de Christine de Pizan, no século XV, é um exemplo precoce de denúncia da misoginia, destacando contribuições femininas em diversos campos. No final do século XVIII, figuras como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft produziram textos fundamentais, que contestavam a exclusão das mulheres dos direitos proclamados pelas revoluções políticas da época, plantando as sementes do movimento feminista moderno (Mccan *et al.* 2019, p. 34).

A primeira onda do feminismo, centrada na luta pelo sufrágio feminino, teve início no final do século XIX e início do XX. Esse movimento emergiu de associações de mulheres de classe média e alta, que começaram a discutir questões sociais e a realizar atividades filantrópicas (Zirbel, 2021, p. 13). No Brasil, Bertha Lutz foi uma figura central, organizando o movimento sufragista e defendendo os direitos das mulheres à educação e ao trabalho (Souza; Cararo, 2018, p. 72).

A segunda onda, entre as décadas de 1960 e 1980, teve como foco a liberdade sexual e a saúde da mulher, abordando temas como o prazer sexual, o controle de natalidade e a violência doméstica (Lima, 2020). Obras como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, e *A Mística Feminina*, de Betty Friedan, foram fundamentais, questionando a opressão das mulheres e propondo novas perspectivas sobre a liberdade e a igualdade (Mccan *et al.* 2019, p. 114, 120).

A segunda onda também trouxe à tona a necessidade de diversidade dentro do movimento feminista. Angela Davis, em *Mulheres, Raça e Classe* (2016), destacou que as experiências das feministas brancas de classe média não refletiam as das mulheres negras e pobres, iniciando uma discussão sobre a inclusão e a representatividade no movimento (Davis, 1981). Na América Latina, a luta feminista enfrentou desafios adicionais durante as ditaduras militares, que intensificaram a violência e a censura, mas as feministas continuaram a lutar por direitos trabalhistas, creches e transporte público (Zirbel, 2021, p. 17).

A Terceira Onda do feminismo surgiu na década de 1990 como uma reação às percepções de falhas da Segunda Onda e buscava responder às críticas de que o feminismo até então havia sido dominado por mulheres brancas de classe média. Essa fase trouxe uma maior diversidade de vozes e incluiu questões de raça, classe, e orientação sexual, enfatizando a interseccionalidade. As feministas da Terceira



Onda também abraçaram uma visão mais pluralista e individualista, reconhecendo múltiplas formas de identidade e expressão (Zirbel, 2021, p.22).

Recentemente, discute-se a existência de uma Quarta Onda do feminismo, caracterizada pelo uso intensivo das tecnologias digitais e das redes sociais para mobilização e defesa do movimento. Essa onda contemporânea tem se focado em combater o assédio sexual, a violência contra a mulher e as desigualdades persistentes, utilizando *hashtags* e movimentos virais como *#MeToo* para dar visibilidade às denúncias e promover mudanças sociais (Mccan et al., 2019, p. 324).

Em suma, a metáfora das ondas feministas ajuda a entender a evolução do movimento ao longo do tempo, destacando conquistas e desafios. No entanto, é essencial reconhecer a diversidade e a complexidade das experiências femininas para construir um movimento verdadeiramente inclusivo e representativo.

2.2 Aspectos da estratégia discursiva antifeminista

O antifeminismo é caracterizado pela resistência aos avanços feministas, com o objetivo de proteger o patriarcado e retardar, parar ou reverter o feminismo (Lamoureux; Dupuis-Déri, 2015, p. 29). Adaptando-se às transformações do feminismo, segue três linhas argumentativas principais: a ameaça à ordem, a inutilidade do feminismo e o efeito perverso para as mulheres (Lamoureux; Dupuis-Déri, 2015, p. 18).

Os discursos antifeministas baseiam-se no "sexismo comum", usando estereótipos negativos e promovendo a inferioridade da mulher. Defendem uma ordem social de gênero que define o que é uma "mulher real" e uma "boa feminilidade", estigmatizando aquelas que transgridem (Lamoureux; Dupuis-Déri, 2015, p. 18). O antifeminismo se manifesta em várias formas políticas, não apenas a direita e o conservadorismo articulam discursos antifeministas, mas também a esquerda, que frequentemente vê o feminismo como um "desvio" da luta de classes (Lamoureux; Dupuis-Déri, 2015, p. 11).

A retórica antifeminista utiliza a nostalgia, retratando o passado como virtuoso, sugerindo que a humanidade prosperava quando as mulheres seguiam a "ordem natural". Outra tática é a desinformação, utilizando afirmações científicas distorcidas para desafiar os argumentos feministas (Lamoureux; Dupuis-Déri, 2015, p. 61). A desinformação pode produzir negativismo, excluindo análises sobre relações de poder ou igualdade, levando à crença no pós-feminismo – a ideia de que a igualdade já foi alcançada, tornando o feminismo desnecessário e desacreditando o movimento (Lamoureux; Dupuis-Déri, 2015, p. 104).

Para expandir sua ideologia e atrair novos apoiadores, o antifeminismo se expressa por meio de literatura, artes visuais, publicidade e caricaturas, frequentemente usando humor para representar feministas negativamente.

A imagem que está disponível em: <https://postimg.cc/tZHkJ4s0> (acesso em: 31 ago. 2021), apresenta caricatura de típicas "feministas espantinho" - imagem que incorpora aspectos negativos associados ao feminismo - insultando a mulher no primeiro plano. As três mulheres ao fundo dizem "Sua escrava cristã de m***a" e com os dizeres pelo corpo "Me fode / Foda-se Deus / Foda-se os homens" (tradução nossa).



Atualmente, o antifeminismo se atualiza através de confrontos diretos em sites, blogs e outras plataformas digitais, permitindo a propagação de ataques pessoais e representações distorcidas do feminismo. A presente pesquisa, delineada neste estudo, optou por analisar o *Instagram*, uma das redes sociais com mais usuários ativos, crucial para a visibilidade dos grupos antifeministas e para observar como o discurso antifeminista é construído no meio digital contemporâneo.

3 Os perfis

Os perfis foram selecionados com base em critérios de relevância, considerando o número de seguidores, engajamento e frequência de postagens no Instagram, além de suas contribuições distintas para o movimento antifeminista nacional.

Ana Caroline Campagnolo é deputada estadual em Santa Catarina, figura pública que não apenas interage com seus seguidores, mas também adota medidas antifeministas para conter o avanço do movimento. Sua formação em história confere legitimidade ao seu discurso articulado e respaldado por sua bagagem acadêmica.

Sara Winter é reconhecida nacionalmente, e em alguns países latino-americanos. Destaca-se por sua atuação no movimento antifeminista, sobretudo por sua trajetória como ex-feminista. Essa transição é frequentemente explorada por ela como uma prova de credibilidade, legitimando seu discurso contrário ao feminismo.

4 Análises

4.1 A semiótica de Peirce

A semiótica de Peirce oferece uma estrutura para compreender como os signos são criados e interpretados. Essa abordagem é relevante no design, onde os signos desempenham um papel fundamental na comunicação visual. Peirce definiu o signo como uma relação triádica entre o próprio signo, um objeto e a mente do intérprete. Ele propôs três categorias fenomenológicas: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Na Primeiridade, experienciamos diretamente as qualidades sensoriais, sem julgamentos. A Secundidade refere-se à reação às impressões recebidas na Primeiridade, e a Terceiridade é o momento de compreensão e associação, onde ocorre o entendimento do signo (Santaella, 1983).

Peirce desenvolveu tricotomias para descrever a relação dos signos consigo mesmos, com seus objetos e com seus interpretantes. Os signos podem ser ícones, índices ou símbolos em relação aos objetos; remas, dicentes ou argumentos em relação aos interpretantes. Os ícones representam o objeto por suas características próprias, os índices indicam o objeto por uma relação direta e os símbolos representam o objeto por convenção social (Santaella, 1983). Nas análises subsequentes, focaremos nos signos icônicos, indiciais e simbólicos em discursos específicos.



4.2 Ana Caroline Campagnolo

Na postagem de abril de 2021, no Instagram oficial de Ana Campagnolo, sobre falsas denúncias de violência doméstica, em prol de sua emenda para a proposta de lei (PL 085/2019), Campagnolo aborda a lei nº 11.340, conhecida como *Lei Maria da Penha*, e a falsa denúncia contra homens (disponível em <https://postimg.cc/v1Kb9CWt>, Acesso em abr. 2021). A imagem corresponde à capa para o vídeo publicado no IGTV².

No vídeo, Campagnolo comenta sobre projeto de lei (PL 085/2019) proposto pela sua oposição, a deputada estadual Luciane Carminatti, do Partido dos Trabalhadores (PT), que propõe a inclusão do conteúdo da Lei Maria da Penha no currículo escolar catarinense. Campagnolo obteve uma emenda aprovada dentro dessa proposta de lei, a qual exige que os estudantes sejam informados das consequências do crime de denúncias caluniosas.

É notório o destaque dado à frase “falsa denúncia” em caixa alta e na cor amarela, contrastando com fundo azul e em um corpo menor; logo abaixo, vemos a frase “contra homens” em branco.

A nosso ver, considerando o ponto de vista das tricotomias peirceanas, particularmente sob a perspectiva da segunda tricotomia (signo em relação ao objeto dinâmico), o amarelo pode ser entendido como um símbolo por sua convenção estabelecida culturalmente. De acordo com a semiótica, o símbolo é uma representação que depende de um acordo social para ser compreendido, diferentemente de um ícone, que possui semelhança com seu objeto, ou de um índice, que possui uma relação causal. No caso do amarelo, seu uso para alertar sobre perigo ou advertência se baseia nessa convenção simbólica. O signo “amarelo”, portanto, tem sua interpretação mediada por uma relação simbólica estabelecida historicamente, e é interpretado em contextos específicos como uma cor de alerta, justamente por sua associação com sinais de perigo. Santaella (1983) reforça que a capacidade do símbolo de transmitir significado está intrinsecamente ligada a este acordo interpretativo, que não depende de uma relação direta com o objeto, mas de seu contexto cultural e social.

O amarelo atua como um símbolo, já que possui uma utilização convencional e simbólica, frequentemente associado à atenção e à advertência, semelhante à aplicação em rótulos de produtos radioativos e explosivos, especialmente quando combinado com cores escuras. Esse fato é interpretado por nossa mente como um sinal de alerta, destacando-se e capturando nossa atenção diante das informações apresentadas (Heller, 2013, p. 164). A pesquisadora Eva Heller (2013), ao investigar o tema sob o referencial da Psicologia das Cores, contribui significativamente para essa análise.

Campagnolo é a figura central na imagem, ocupando a posição de árbitra da narrativa. Ela está falando no microfone, enquanto à sua volta foram aplicadas diversas imagens, que exerceram papel de índices, se considerarmos os casos veiculados na mídia sobre violência contra a mulher, como por exemplo, o da Maria da Penha, uma figura associada nacionalmente à luta contra a violência doméstica no Brasil (Mccan et al., 2019, p. 124), veremos que a deputada usou dessas imagens para ilustrar sua postagem e para ter um maior alcance junto ao seu público.



Por outro lado, aparecem também imagens de outras mulheres, como de Najila Trindade³, conhecida pela falsa denúncia de estupro envolvendo o jogador Neymar. Também vemos a imagem de Mariana Ferrer⁴, que virou notícia ao denunciar o empresário André Aranha por estupro, mas acabou sendo derrotada na justiça.

Essas imagens são signos indiciais dos quais Campagnolo se utilizou para apontar denúncias caluniosas, assim consolidando a sua posição favorável à emenda proposta por ela.

As imagens das mulheres, — Maria da Penha, Najila Trindade, Mariana Ferrer e os demais recortes de notícias —, então na frente de Campagnolo, e em sua retaguarda estão os homens. Interpretamos que essa distinção na aplicação das imagens indica sua pretensão de diferenciar ambos os lados, em que sua imagem está de frente às mulheres, julgando-as, e os homens atrás dela, protegendo-os.

Nota-se também que as imagens de Mariana e Najila se repetem no rodapé do signo *post*, agora com pouca opacidade e no mesmo tom azul escuro, como no fundo. As imagens estão uma de cada lado do enunciado, com isso, Campagnolo dá ênfase à notícia ilustrando-a com casos famosos e atuais e relacionando-os com a aplicabilidade da lei Maria da Penha.

Outro ponto importante é a presença recorrente da imagem do livro *Feminismo: Perversão e Subversão*, escrito por Campagnolo, ao observarmos sua inserção junto às outras presentes no seu perfil no *Instagram* ou em vídeos onde Campagnolo carrega o livro nas mãos, cita-o regularmente, usando-o como base teórica para suas argumentações ou até mesmo como decoração de uma estante ou mesa ao lado dela.

Sob o olhar semiótico, a aparição do livro nesse contexto não é gratuita e nem aleatória, está ali como um signo indicial a serviço de uma construção de uma conexão do signo com o que ela pretende atingir com seu discurso antifeminista. Essa aplicabilidade do signo indicial também é constantemente empregada no marketing indireto⁵ no qual o produto - no caso o livro - está posicionado de uma maneira secundária, subliminar e com uma exposição mais branda e tem como objetivo implantar a imagem do livro na memória do público.

Em uma nova postagem (disponível em <https://postimg.cc/hQWnZxZJ>, acesso em abr. 2021), Ana Campagnolo comenta trecho da fala da antropóloga Debora Diniz. Nessa publicação de fevereiro de 2021, Campagnolo comenta sobre uma notícia envolvendo a professora universitária, antropóloga e feminista Debora Diniz, apontando que ela acusa o presidente Bolsonaro de perseguir pedófilos.

A respeito da notícia, Campagnolo retirou um trecho de quatro parágrafos da escrita de Debora Diniz publicada em seu *Instagram* pessoal:

A pauta prioritária de Bolsonaro no Congresso Nacional tem de arma em casa e na rua para mais gente [sic]; crianças em ensino domiciliar; perseguição a pedófilos; vantagens para agronegócios até perseguição aos povos indígenas.

A perversidade parece complexa, mas não é.



Segue a mesma lógica paranoica do patriarca que amplifica o medo para justificar a truculência. Por isso armas e pedófilos estão na mesma agenda: o patriarca espalha o pânico para justificar seu abuso de poder. Inclusive de ser ele mesmo um violentador sexual de crianças ou mulheres (Diniz, 2021).

O trecho publicado por Campagnolo dá destaque à citação aos pedófilos e à crítica ao presidente, tirando o contexto da frase e provocando distorção na fala de Diniz. Esse trecho escolhido por Campagnolo faz parte de um raciocínio da antropóloga, o qual não se trata da defesa da pedofilia, nem de uma crítica ao seu combate, mas sim, de sua opinião sobre o plano armamentista do governo, o qual intensifica a crise de violência ao alarmar a nação — que tem medo de pedófilos e outros inimigos fictícios ou não — e defender a autoproteção como solução e, conseqüentemente, o desvio de responsabilidade do Estado, com relação à segurança da população.

O discurso de Campagnolo, ou seja, o objeto dinâmico, está representado nesse signo *post* como um signo indicial através de uma linguagem verbal, dado que indica o posicionamento de Campagnolo ao relacionar Diniz à pedofilia ao divulgar essa notícia de forma errônea.

Trata-se, assim, de uma tentativa evidente do antifeminismo de vincular feministas com práticas imorais e ilegais, como a pedofilia, por exemplo. Forma essa de desmoralizar o movimento e de promover a perda de confiança no discurso junto da população (Lamoureux; Dupuis-Déri, 2015, p.11).

Observamos no topo e abaixo da imagem uma textura de papel, cinza claro e amassado, e nas bordas de encontro com as fotos o detalhe rasgado. As texturas servem como fundo, e não como figura, agindo como coadjuvantes para os elementos principais, em que dá suporte e reforça o conceito visual (Lupton; Phillips, 2008, p. 68).

No topo da imagem temos o título (Pauta prioritária) com fonte tipográfica com serifa na cor preta e no rodapé uma frase (Militante abortista Débora Diniz acusa o governo Bolsonaro de “perseguição a pedófilos”.) em um corpo menor. As características mencionadas compõem um signo indicial que, de acordo com a segunda tricotomia (relação do signo com seu objeto dinâmico), faz referência às publicações tradicionais de imprensa, como o jornal impresso. Essa escolha tem por objetivo caracterizar a postagem como uma manchete de jornal, a fim de alcançar uma *status* de legitimidade e credibilidade para com a notícia dada por Campagnolo.

O signo *post* apresenta no centro uma montagem com duas fotografias. À esquerda, vemos a imagem do presidente da república Jair Messias Bolsonaro e à direita, a da antropóloga feminista Debora Diniz.

De acordo com a terceira tricotomia na semiótica peirciana, a qual retrata a relação do signo com o seu interpretante, ou seja, o efeito interpretativo que o signo produz em uma mente real ou meramente potencial, podemos conferir que as expressões faciais presentes em ambos configuram uma reação para com a notícia dada por Campagnolo.



A imagem de Bolsonaro apresenta um semblante desconfiado e atento com o olhar voltado para a esquerda, direção onde se encontra a imagem do trecho escrito por Debora Diniz em seu *Instagram* e sua fotografia.

Essa disposição das imagens induz o seguidor (do *Instagram*) a concluir que Bolsonaro desaprova o trecho ou a própria antropóloga. Já na fotografia de Diniz, conferimos uma expressão apática presente em seu semblante, que nada diz diante da narrativa projetada por Campagnolo.

No rodapé da imagem observamos um recurso para informar sobre as demais redes sociais de Campagnolo, assim como endereços de seu site e loja *online*. Ao centro encontra-se um grafismo que remete à silhueta de um óculos, sendo assim, um signo indicial provocando uma ligação à imagem de Ana Campagnolo, que usa óculos de grau, na pretensão de criar uma assinatura associada a seu nome.

4.3 Sara Winter

Em uma postagem (disponível em <https://postimg.cc/ygSBTnj4>, acesso em 01 abr. 2021.), que se trata da divulgação de uma aula *online* apresentada pela Sara Winter abordando pautas antifeministas, ela promete revelar verdades sobre nomes importantes da história do movimento feminista, como Mary Wollstonecraft, Simone de Beauvoir, Frida Kahlo, Valerie Solanas e Betty Friedan. A aula ocorreu ao vivo por meio do seu perfil no *Instagram* em 20 de novembro de 2020.

A palavra “feminismo” tem bastante destaque na imagem, está na cor rosa e contrasta com o fundo roxo escuro. A fonte tipográfica *Rodfat Two* está em caixa alta e a espessura pesada do seu traço provoca impacto no enunciado.

A partir do estudo das Leis da Gestalt, observamos que foi utilizado o fator fechamento ao ser aproveitado o espaço vazio da letra “O”, que chamamos de contraforma, para inserção de um grafismo. Os espaços e formas visuais se dirigem espontaneamente para uma ordem espacial, que tende para uma formação em determinados tipos de conjuntos (Gomes Filho, 2013, p. 23), que no caso analisado é a representação de uma caveira.

De acordo com a segunda tricotomia de Peirce, aqui a caveira atua como signo simbólico ao representar, por convenção, o perigo, morte e terror, ou seja, concepções maléficas que Sara Winter quer propagar sobre o movimento feminista.

Observamos também, que a palavra “feminismo” está dividida ao meio horizontalmente. Entendemos que o recurso utilizado indica o desejo de destruição do movimento feminista e o desmonte de suas ações. Esses dois elementos combinados reforçam a ideia de que o feminismo em si leva os seus membros à destruição, ideia defendida por Sara.

Na frase “Um curso para jovens e pais desesperados” Sara faz uma chamada a um público específico. A linguagem verbal aplicada trata-se de um signo indicial para o seu discurso (objeto dinâmico) que aproveita da ignorância e/ou intolerância do público à frente das pautas feministas.



O ponto principal que será abordado no curso está dentro de um box de contorno rosa para enfatizar a informação e a diferenciar das demais. Os nomes apontados estão listados alinhados à esquerda e com corpo maior para manter a hierarquia de informações e destacar os nomes mencionados.

Outro elemento que apresenta bastante destaque no *post* é a fotografia de Sara Winter. Ela está posicionada à direita, ocupando quase metade do *post*, apresentando uma postura reta e com o peito projetado para a frente, numa postura de enfrentamento, enquanto seus braços cruzados dão a impressão de estar em um modo defensivo.

A imagem de Sara foi utilizada no *post* como signo indicial, que desde a postura até a escolha da roupa, indicam seu anseio por uma imagem séria, já que ela leciona um curso e necessita da credibilidade para o seu público.

Na postagem disponível em <https://postimg.cc/ygSBTnj4> (acesso em 01 abr. 2021), Sara mostra sua imagem dentro do feminismo (quando pertencia ao grupo FEMEN), à esquerda, e fora do feminismo à direita. Utilizando-se de duas fotografias, ela faz um paralelo de sua aparência em dois momentos distintos da sua vida.

As frases “Dentro do feminismo // Fora do Feminismo” foram aplicadas no topo da postagem e estão posicionadas em cima de cada fotografia da qual faz referência. Foi escolhida uma fonte tipográfica sem serifa e caixa alta na cor branca contrastando com o fundo rosa garantindo destaque no enunciado, fatores que cativam a atenção para as demais informações presentes na imagem.

À esquerda, vemos a fotografia de Sara Winter em uma manifestação realizada na Praia de Copacabana, em 2014, no Rio de Janeiro. Na ocasião, a manifestação⁶ sucedeu-se em repúdio à uma fala misógina de Jair Messias Bolsonaro, na época deputado estadual, na qual deu uma declaração polêmica sobre a, então, deputada Maria do Rosário e a posição desta num episódio judicial.

Bolsonaro vociferou que “ela não merecia ser estropada”. Nesta época, Sara Winter era militante do movimento feminista, recentemente expulsa do grupo FEMEN⁷. Seu cabelo era mais curto, com mechas escuras e coloridas, usava acessórios, como uma gargantilha de rebite e brincos pesados, comunicando uma imagem rebelde. Em seu busto estava escrito “Fora Bolsonaro”, em virtude do protesto, e na parte superior do seu corpo ela estava desnuda, prática recorrente nos protestos de que Sara participava.

No momento do clique fotográfico ela está gritando, seu corpo está inclinado para frente e o rosto com o semblante furioso, que exala raiva e agressividade, uma imagem visivelmente associada às feministas pelo imaginário popular (Gugel; Eras, 2018, p. 15).

Dentre muitas outras fotos de seu passado foi escolhida justamente a que apresenta as características mencionadas anteriormente. A foto em questão é um signo indicial que indica o discurso de Sara ao estimular o estereótipo da imagem de feministas como mulheres amargas, agressivas, promíscuas, ausentes de vaidade e emocionalmente instáveis, conceitos ainda presentes no imaginário



popular desde o tempo do sufrágio. Publicações como essa contribuem com a perpetuação dessa concepção na atualidade (Gugel; Eras, 2018, p. 11).

Já na imagem à direita, vemos Sara como ela se apresenta e almeja ser vista atualmente, ou seja, fora do feminismo. Na fotografia ela possui os cabelos mais compridos e loiros, sua postura está reta e seu rosto está suave com um sorriso transmitindo benevolência. Nota-se que a vestimenta está mais contida, tradicional e de cor clara.

A fotografia escolhida por Sara é um signo indicial, que tem como objetivo fazer uma conexão com a imagem da mulher ideal para o antifeminismo, moldada mediante os padrões sociais, dos quais os valores como a família, religião e os costumes conservadores são princípios fundamentais (Lamoureux; Dupuis-Déri, 2015, p. 37).

5 Considerações finais

Ao iniciarmos a pesquisa, formulamos a hipótese da inexistência de um design neutro, pois, até mesmo sem intenção premeditada, adotamos ideologias ao criar conteúdo. Analisando as postagens, confirmamos essa hipótese ao perceber que escolhas técnicas e elementos visuais, como cores, texturas e tipografia, compõem narrativas e discursos nos perfis. Como Margaret Gould Stewart aponta, o design jamais é neutro, uma vez que todas as decisões de design, mesmo as aparentemente mais simples, carregam implicações e afetam a maneira como as pessoas interagem com a informação e o mundo ao seu redor. Para Stewart, os designers precisam estar cientes do impacto ético de suas escolhas, pois estas moldam comportamentos e atitudes dos usuários (Meta Developers, 2019). Em nosso contexto, essas escolhas reforçam ou desconstruem discursos, atuando como veículos ideológicos que não podem ser ignorados. Assim, fica claro que o design exerce uma função ativa na construção de sentido e nas interpretações sociais, confirmando a não neutralidade do design na criação de conteúdo.

Os discursos antifeministas adotam técnicas retóricas como o "sexismo comum" e a nostalgia para desacreditar e diminuir as feministas, além de explorar comercialmente seus perfis, tanto de forma explícita, quanto sutil, através de anúncios e *links* de vendas. Observamos tendências em suas estratégias de comunicação ao longo do tempo, destacando-se o crescimento substancial de seguidores no perfil de Ana Campagnolo, refletindo uma ascensão das ideologias conservadoras e discriminatórias nas redes sociais.

Reconhecemos que superar essa retórica exige uma mudança genuína na mentalidade sobre o papel das mulheres na sociedade, e que o movimento feminista demonstra resiliência e determinação em enfrentar tais desafios.

Referências

CORREA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota de. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. *In: Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 22, n.49, p. 1-18, maio/ago., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n49p1>. Acesso em: 27 mai. de 2021.



DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, Debora. **A pauta prioritária de Bolsonaro no Congresso Nacional tem de arma em casa e na rua para mais gente; crianças [...]**. 21 fev. 2021. Instagram: @debora_d_diniz. Disponível em: https://www.instagram.com/debora_d_diniz/p/CK5N8R5lky4/. Acesso em: 10 out. 2024.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto**: sistema de leitura visual da forma. São Paulo: Escrituras, 2013.

GUGEL, Bruna Cristina Pompermayer; ERAS, Lígia Wilhelms. **Das sufragistas à internet**: o discurso antifeminista sob a perspectiva da violência simbólica em Pierre Bourdieu. Especialização lato sensu em "Concepções multidisciplinares de leitura", Instituto Federal de Santa Catarina, Xanxerê, 2018.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

MCCAN, Hannah, et al. **O livro do feminismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

META DEVELOPERS. **F8 2019 Day 2 Keynote**. Youtube, 1 mai. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i48PqBP-OA0>. Acesso em: 10 out. 2024. 01:01:45–01:18:09.

LAMOUREUX, Diane; DUPUIS-DÉRI, Francis. **Les antiféminismes Analyse d'un discours réactionnaire**. Quebec: Du Remue-ménage, 2015.

LIMA, Juliana Domingos de. Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21. **Nexo Jornal**. [S.l.] 2020. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-século-21>. Acesso em 10 abr. 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1983.

SOUZA, Duda Porto de; CARARO, Aryane. **Extraordinárias**: mulheres que revolucionaram o Brasil. São Paulo: Seguinte, 2018.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas**: Mulheres na Filosofia, v.7, n.2, 2021, p. 10-31.

Notas

¹ Como o próprio termo sugere, a netnografia é uma adaptação da pesquisa etnográfica, que leva em conta as características dos ambientes digitais e da comunicação mediada por computador (CORREA; ROZADOS, 2017).

² Espaço dentro do aplicativo Instagram que possibilita a publicação de vídeos mais longos de até 60 minutos de duração.

³ NAJILA Trindade é absolvida em processo envolvendo Neymar. Istoé. [S.l.] 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/najila-trindade-e-absolvida-em-processo-envolvendo-neymar/>. Acesso em: 29 set. 2021.

⁴ Alves; Schirlei. Julgamento de influencer Mariana Ferrer termina com tese inédita de 'estupro culposo' e advogado humilhando jovem. The Intercept Brasil. [S.l.] 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>. Acesso em: 29 set. 2021.

⁵ CASAROTTO, Camila. Os 83 tipos de marketing principais. Rockcontent. [S.l.] 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/tipos-de-marketing>. Acesso em: 27 jul. 2021.



⁶ BARREIRA, Gabriel. Dupla de topless usa boneco de Bolsonaro para protestar no Rio. G1. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/dupla-de-topless-usa-boneco-de-bolsonaro-para-protestar-no-rio.html>. Acesso em: 22 ago. 2021.

⁷ BARBOSA, Denis; CARVALHO, Eduardo. Matriz do Femen na Ucrânia rompe com líder do grupo no Brasil. G1. São Paulo. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/matriz-do-femen-na-ucrania-rompe-com-lider-do-grupo-feminista-no-brasil.html>. Acesso em: 29 abr. 2021.

Informações complementares

Financiamento

Não se aplica.

Preprint, originalidade e ineditismo

O artigo é original, inédito e não foi depositado como *preprint* (Caso o artigo não tenha disso publicado anteriormente).

Verificação de similaridades

O artigo foi submetido ao iThenticate e obteve um índice de similaridade compatível com a política antiplágio da Tríades em Revista.

Consentimento de uso de imagem

Optou-se pela inclusão de links no artigo como solução para a utilização das imagens essenciais ao estudo, uma vez que não se detêm os direitos autorais das mesmas. Além disso, algumas fontes originais encontram-se indisponíveis, seja por estarem fora do ar ou devido a perfis de Instagram bloqueados, impossibilitando o acesso direto. Diante disso, a alternativa adotada foi hospedar as imagens em um site de hospedagem, com a disponibilização dos respectivos links no artigo, assegurando o acesso apropriado ao conteúdo e atendendo às exigências de direitos autorais e da publicação.

Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesse

Não há conflitos de interesse.

Utilização de ferramentas de inteligência artificial (IA)

Este artigo não contou com auxílio de ferramentas de inteligência artificial (IA) para redação de nenhuma das seções.

Licença de uso

Os autores cedem à Tríades em Revista: Transversalidades, Design e Linguagens os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site



peçoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Publicação no Portal de Periódicos da UFJF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Editores

Frederico Braidá; Vera Lúcia Nojima.

Formato de avaliação por pares

Revisão duplamente cega (*Double blind peer review*).

Sobre os autores

Paloma de Souza Martins

Graduado em Design (UFES).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0512381979316270>

Telma Valente

Graduado em Jornalismo (PUCCAMP). Mestre(a) em Mídias (UNICAMP). Doutor(a) em Comunicação e Semiótica (PUC SP). Pós-Doutor(a) em Comunicação e Territorialidades (UFES). Professor(a) Associada IV do Departamento de Design, da Universidade Federal do Espírito Santo. Informações complementares. Coordenadora do curso de Design. Coordenadora do NIPP (Núcleo de Imagem – Produção e Pesquisa)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4202486740653920>